

## a arte pela (an) ar(q)

micHEL ragon\*

Rémy de Gourmont dizia do simbolismo, em 1892, que ele “se traduz literalmente pela palavra liberdade, e para os violentos, pela palavra anarquia.”

Existia, de fato, um estranho cruzamento das teorias políticas mais extremas e da literatura mais etérea no fim do século XIX.

Os poetas simbolistas tinham um verdadeiro culto por Louise Michel, à qual Verlaine dedicou uma balada publicada em *Le Décadent*, revista que reunia Mallarmé, Rimbaud (fascinado pela Comuna de Paris) e Laurent Tailhade. Convidada pelos “decadentes” a dar uma conferência na sala do Ermitage, em 20 de outubro de 1886, Louise Michel declarou: “Os ‘decadentes’ criam a anarquia do estilo... Os anarquistas, como os ‘decadentes’, querem o aniquilamento do velho mundo.”

\* Romancista, crítico, historiador da arte e da arquitetura, Michel Ragon é autor de *La Voie libertaire*. Paris, Ed. Plon, 1991, e *Jean Dubuffet*. Paris, Ed. de Fallois, 1995. Recentemente, publicou a primeira grande biografia de Courbet, *Gustave Courbet, peintre da la liberté*. Paris, Ed. Fayard, 2004.

Com exceção de Félix Fénéon, diretor da *La Revue Blanche* de 1885 a 1903, que foi aprisionado em Mazas, por ocasião do processo dito dos Trinta, e de Richard Wagner, que se associou a Bakunin no momento da insurreição de Dresden, a afiliação dos poetas e dos pintores simbolistas ao movimento anarquista foi na realidade mais teórica que ativa.

Apesar disso, a fascinação desses movimentos artísticos de vanguarda coincide com o período mais extremo do anarquismo, ou seja, o ilegalismo e o terrorismo dos anos 1886 a 1912. E muitos textos literários são verdadeiros apelos à insurreição.

A violência das afirmações publicadas nesse período é hoje inimaginável. A propósito da bomba de Vaillant na Câmara dos deputados, Laurent Tailhade (1854-1919), um dos fundadores do *Mercure de France* escreveu: “que importam as vítimas se o gesto for belo!” E ele reclamava por um regicida contra o czar, em visita a Paris em 1902: “será [ele escreve em *Le Libertaire*] que entre esses soldados ilegalmente retidos na estrada, onde acampa a covardia imperial, entre esses guarda-barreiras, que ganham nove francos por mês, entre os pedintes, os mendigos, os vagabundos, os fora-da-lei, os que morrem de frio sob as pontes, no inverno, não há nenhum que pegue seu fuzil, seu atizador, para arrancar dos freixos dos bosques o bastão pré-histórico e, subindo no estribo das carruagens, golpeie até a morte, golpeie no rosto e golpeie no coração a corja triunfante, czar, presidente, ministros, oficiais e os clérigos infames... O sublime Louvel, Caserio, não tem mais herdeiros? Os matadores de reis também estão mortos?”

Quanto a Octave Mirbeau (1848-1917), ele escreve em *L'En-dehors*, em 1º de maio de 1892: “a sociedade não pode se queixar. Foi ela mesma que gerou Ravachol. Ela semeou a miséria, ela recolhe a tempestade.”

### **Pintores engajados**

E embora em 1903 o doce romancista dos humildes, Charles-Louis Philippe (1874-1917), pronunciando-se sobre o assassinato de McKinley, presidente dos Estados Unidos, levante algumas dúvidas sobre a eficácia política dessa prática, ele não deixa de esclarecer, em uma de suas *Chroniques du Canard Sauvage*: “Não quero absolutamente condenar a filosofia anarquista, clara e bela, impregnada de amor e de fraternidade, e ensinada por santos, desde o sapateiro Jean Grave até o príncipe Kropotkin. Isso seria uma má ação, pois ela contém um pouco da grande esperança humana.”

Entre os pintores neo-impressionistas, Pissarro era sem dúvida o que possuía a mais sólida formação política. Paul Signac dizia, no entanto, ter sido formado por Kropotkin, Élisée Reclus e Jean Grave. Ambos, assim como Seurat e Maximilien Luce, eram colaboradores dos jornais anarquistas. Classificado como suspeito após o assassinato do Presidente Carnot, Pissarro teve até que se refugiar na Suíça.

Oscar Wilde e Alfred Jarry também reclamavam a anarquia, tanto por suas atitudes e provocações quanto por suas obras.

Embora o simbolismo e o neo-impressionismo tenham sido estreitamente ligados às teorias anarquistas, a teoria libertária encontra-se de modo mais evidente no romancista popular Michel Zevaco, que se dizia discípulo de Louise Michel e de Jules Vallès, e que foi preso em 1892 por seu elogio da ação direta. Colaborador do jornal *Le Libéraire*, de 1893 a 1918, ele fará passar em sua série de *Pardaillan* a idéia do herói sem mestre. A filosofia anarquista, veiculada por romances de capa e espada, irá assim marcar muitos leitores populares e mesmo infantis, como Jean-Paul Sartre, que dirá, em *As Pala-*

uras, que Pardaillan tinha sido o herói preferido de seus sete anos.

Entre 1930 e 1940, a literatura proletária animada por Henry Poulaille (1896-1980) em oposição política ao marxismo e em oposição literária aos escritores ditos burgueses, mostrava adequação muito maior com a anarquia do que a literatura simbolista. O vocabulário realista, a descrição da vida dos operários e camponeses, o pacifismo, a insubordinação... Pode-se dizer que Henry Poulaille e seus amigos ao mesmo tempo aderiram à doutrina libertária e a ilustraram com suas obras.

### **A adesão inesperada do surrealismo**

A conjunção anarquia e movimento artístico de vanguarda, como no episódio simbolista, concretizou-se, novamente, no início dos anos 1950, com a súbita adesão inesperada dos surrealistas ao movimento libertário.

Inesperada, quando lembramos das conclusões barulhentas do surrealismo e do marxismo. É verdade que a ideologia surrealista combinava infinitamente melhor com o anarquismo do que com o partido comunista. E o pensamento libertário nunca deixou de entusiasmar Buñuel, Artaud, Desnos e Benjamin Péret, que chegará a se engajar nas milícias anarquistas em 1936, indo combater na linha de frente de Teruel.

Em 1952, em seus *Entretiens* com André Parinaud, André Breton se perguntava por que o surrealismo em seus inícios havia tomado o caminho da colaboração com o marxismo e não com o anarquismo; “por que”, ele dizia, “uma fusão orgânica não pôde ser realizada nesse momento entre elementos anarquistas propriamente ditos e elementos surrealistas? É o que ainda me pergunto vinte e cinco anos depois.”

A arte pela (an)ar(q)

### **Brigados por *O homem revoltado***

De outubro de 1951 a agosto de 1952, os escritores surrealistas colaborarão regularmente no jornal anarquista *Le Libertaire*. Trinta e um artigos serão assim publicados, dentre os quais apenas um assinado por André Breton, em dois de janeiro de 1952, intitulado *A Clara Torre*: “onde o surrealismo pela primeira vez se reconheceu [ele escrevia], bem antes de definir a si mesmo e quando era apenas associação livre entre indivíduos que rejeitavam espontaneamente e em bloco as restrições sociais e morais de seu tempo, foi no espelho negro do anarquismo.”

Embora os artigos dos colaboradores surrealistas do *Libertaire* nunca se refiram à filosofia anarquista e nunca citem seus pais fundadores, André Breton participará de todas as lutas da Federação Anarquista: solidariedade com os militantes da CNT, defesa dos insubmissos...

A briga entre surrealistas e anarquistas se dará a respeito da publicação de *O homem revoltado*, de Albert Camus. Atacar Camus em *Le Libertaire*, como faziam os surrealistas, pareceu intolerável aos militantes anarquistas, embora Camus nunca tenha declarado com tanto alarde sua adesão à anarquia quanto Breton.

Apesar da briga, André Breton continuará a colaborar episodicamente no *Monde Libertaire* (sucessor do jornal *Le Libertaire*). É nessa publicação que irá aparecer, em 23 de dezembro de 1956, o manifesto surrealista, *Hungria, sol levante*, onde os insurgidos de Budapeste eram comparados aos partidários da Comuna de Paris. Em novembro de 1966, por ocasião da morte de André Breton, *Le Monde Libertaire* publicou na primeira página o seguinte anúncio fúnebre:

“André Breton morreu

Aragon está vivo...

Uma infelicidade dupla para o pensamento honesto...”

Mas, sem dúvida, desde Fénéon, desde Tailhade, desde Mirbeau, o autor que se situa mais violentamente na esfera de influência anarquista é um pintor: Jean Dubuffet (1901-1985). Embora nunca tenha tido relações com a Federação anarquista, ele escreveu em primeiro de novembro de 1970 a Henry Poulaille: “Meus próprios impulsos sempre foram, acredito, os que constituem a posição do anarquismo.”

Seu livro *Asfixiante cultura* (1968) é uma fogueira, que pode ser considerada uma espécie de manual libertário.

Tradução do francês por Martha Gambini.

A arte pela (an)ar(q)

RESUMO

*Relações entre arte e anarquismo na França, problematizando o terrorismo e o surrealismo. Do simbolismo ao surrealismo, a anarquia não se limita a movimentos, mas transborda-os.*

*Palavras-chave: Arte, anarquia, terrorismo.*

ABSTRACT

*Relations between art and anarchism in France, problematizing terrorism and surrealism. From symbolism to surrealism, anarchy does not restrict itself to movements, but overflows them.*

*Keywords: revolutionary movements, art, anarchy.*

*Indicado para publicação em 25 de junho de 2005.*